

Gustavo Franco diz que o pior já passou

LIANA VERDINI

O relatório do Banco Mundial (Bird) que detecta piora na situação brasileira, com déficit público elevado e descontrole nas contas públicas, está absolutamente correto. Mas a realidade observada é a do ano passado e não a de 1996. A afirmação é do diretor do Banco Central (BC), Gustavo Franco, para quem a situação brasileira era de fato preocupante, com um aumento da dívida pública interna pouco superior a R\$ 60 bilhões.

“O relatório é grande, complexo e trata de vários aspectos da economia brasileira”, disse Franco. “Qualquer relatório sobre 1995 vai alertar sobre a importância de resolver a questão fiscal, assim como perceber que houve um sucesso extraordinário, com queda da inflação, sem recessão”. Para Gustavo Franco, o que produz dívida pública é déficit público.

“Sabemos perfeitamente que não é possível o governo ter um

déficit público desse tamanho e ninguém precisa nos dizer isso”. Em 1995, o déficit público foi equivalente a 7% do Produto Interno Bruto. Para este ano, as projeções do governo apontam para um déficit de 4,5% do PIB. “É uma redução bastante substancial”, disse Franco, afirmando que esta é a média europeia.

“Mas para nós, isto não basta. Para 1997 e 1998, pretendemos chegar a um déficit de 1,5% do PIB. O ajuste fiscal nunca deixou de ser prioridade nossa e nunca deixará, porque austeridade e orçamento equilibrado não são fenômenos temporários. É para o resto da vida”, disse Franco. “E o ajuste fiscal não depende apenas de reformas constitucionais. Depende também da caneta de cada unidade gastadora que pode ser utilizada mais ou menos conforme orientação do governo”.

Como o governo reprimiu o reajuste salarial dos funcionários públicos e implantou um programa de

rolagem da dívida vinculada à austeridade fiscal, o déficit deste ano será menor. “A taxa de juro poderá prosseguir agora na trajetória de lenta queda se a situação fiscal continuar a melhorar”, disse o diretor do BC. E nem mesmo a balança comercial, que poderá fechar com déficit, preocupa Gustavo Franco. “Ainda não sei se a balança comercial vai ser positiva. Mas sendo levemente positiva ou negativa, pouco importa”.

O diretor do BC fez questão de lembrar que o nível de desemprego no Brasil desde a implantação do real variou muito pouco. “O que houve foi uma mudança no perfil do emprego, com modificações setoriais e regionais”, disse Franco. “Mas no processo a sensação é de que está havendo um aumento do desemprego”. Quanto ao Proer, programa de estímulo à reestruturação do sistema financeiro, Franco explicou que só está sendo concedido a bancos que já estão devendo ao governo.